

ENTRE
PREDADORES

TAY BLAKE

ENTRE PREDADORES



TAY BLAKE

Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#), com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

e-Livros.xyz

O direito autoral dessa história pertence à autora.

Esta é uma obra de ficção.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Todos direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução total ou parcial de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios.

Criado no Brasil.

Revisão: D. D. Ferreira.

Capa e diagramação: Debby Scar

Um conto de suspense para fazer você pensar duas vezes antes de planejar um final de semana romântico!

Diana tinha planejado o final de semana perfeito para o aniversário de casamento com seu marido Joshua.

Ter apenas os dois sozinhos, em um luxuoso chalé nas montanhas, com muito romantismo e surpresas meticulosamente planejadas parecia ser fácil e ideal, afinal, o que poderia dar errado?

Diana e Joshua iriam descobrir em uma noite como tudo poderia dar errado quando se está isolado nas montanhas cercados por predadores mais assustadores do que os animais selvagens.

UM SORRISO SURTIU EM SEUS LÁBIOS #01

Diana mordeu o lábio inferior com força quando sentiu a língua quente de seu marido chicotear contra seu clitóris de modo urgente e rápido. Jogou a cabeça para trás no colchão e deixou o gemido sair, inconscientemente, levou uma mão e agarrou o cabelo escuro dele, apertando-o com força para mantê-lo onde estava. Era onde ela o queria.

Joshua trabalhava com sua língua como se ele fosse profissional naquilo, invadindo-a tão profundo que ela quase gritou de prazer. Seu corpo tremia e se contorcia com as sensações provocadas por ele e tudo o que ela podia fazer era arquear suas costas no colchão, sentindo seu corpo arder pelo prazer que ele lhe proporcionava.

– Querido... – ela murmurou, sua voz fraca saindo não muito mais alta do que um sussurro, mas repleta de necessidade, deixando claro o que ela queria – o que ela *precisava* – sem ser necessário dizer qualquer palavra mais.

– Fique calma, meu amor. – ele respondeu com um sorriso safado no rosto. A imagem dele acima de sua vagina, olhando-a com toda aquela luxúria nos olhos e os lábios molhados por seu desejo, era a cena mais erótica que ela podia imaginar. – Eu te tenho... Apenas relaxe.

Eu preciso gozar! Gritou em sua mente, mas apenas manteve-se imóvel, usando os antebraços de apoio para poder observar o momento em que Joshua voltou o rosto para sua vagina. Ele prendeu seu clitóris entre os lábios, chupando-o rápido e com força.

Diana perdeu a força dos braços e voltou a deitar no colchão, as mãos de Joshua apertavam suas coxas para mantê-las abertas, mas ela sentiu o momento em que ele soltou sua coxa esquerda e levou a mão até a entrada de sua vagina. Ele deslizou dois dedos para o

interior dela, não encontrando resistência, uma vez que ela estava pronta para recebê-lo.

Ela sentiu-o trabalhar com seus dedos, em um movimento de entra-e-sai que acompanhava o ritmo acelerado de seus lábios e língua. Diana não precisou de muito para sentir-se quebrar pelo clímax que a atingiu em cheio. Gritou o nome de seu marido enquanto todo o seu corpo convulsionava e o orgasmo tirava o restante de lucidez que ela possuía

Joshua apenas afastou-se quando ela relaxou por completo. Diana sentia-se como geleia, com um sorriso satisfeito no rosto sereno, olhos fechados e corpo sensível; quando ele deitou-se ao seu lado e a puxou para seus lábios, ela apenas deixou-se manipular.

Aquela era uma data especial. Eles completavam dois anos de casamento e Joshua tinha pego as chaves do chalé de sua rica família, que ficava nas montanhas, cercado por uma bela vegetação encoberta por uma fina camada de neve. Iriam ficar lá pelo final de semana como uma “segunda lua-de-mel”, sem as interferências da cidade grande, do caos rotineiro do dia-a-dia. Apenas os dois, passando tempo juntos, se amando.

Em dias normais, a essa hora no começo da noite, Diana estaria chegando em casa cansada após um dia de trabalho em sua agência de Publicidade, sediada no centro de Manhattan, desejando um banho e uma taça de vinho, mas sabendo que precisava preparar o jantar para Joshua, que estaria chegando de sua firma de advocacia, igualmente cansado.

Os dois viviam em um amplo apartamento em um bairro nobre da cidade, com todo o luxo e conforto que poderiam exigir. Cada um possuía seu próprio carro, bem como tinham uma empregada que ia até o apartamento duas vezes por semana para limpar e lavar. O estilo de vida deles era glamoroso e tudo isso porque Joshua tinha tido esse alto status desde pequeno.

Seu marido tinha nascido e crescido em uma família rica e por isso sempre teve tudo o

que queria. Diana, por sua vez, tinha vindo de uma família humilde e precisou lutar com garras e dentes para chegar até onde chegou, como fundadora e dona de sua própria empresa de Publicidade.

Tinha conhecido Joshua há três anos em um evento beneficente, onde conversaram e ele pediu por seu telefone. Assim que ela chegou em casa naquela noite, ele ligou. Saíram algumas vezes e logo iniciaram um relacionamento, que ocasionou no casamento no ano seguinte.

Ela olhou para o grande homem deitado ao seu lado. Joshua Hemington III era um epítome da masculinidade e sexo. Com seu 1,90m de altura, ombros largos, músculos bem definidos, pele bronzeada, maxilar quadrado, barba rente, cabelo sedoso escuro e penetrantes olhos castanhos, ela não podia impedir-se de sentir excitação sempre que colocava os olhos nele.

Quase sentia-se o extremo oposto ao lado dele. Ela era uma figura pequena, pouco mais de 1,60m, com a pele pálida, corpo curvilíneo, grandes olhos azuis e uma longa cabeleira loira. Achava-se bonita, mas sempre se perguntou o que ele – o deus grego – tinha visto nela.

– No que você está pensando? – ele sussurrou ao seu rosto, usou uma mão para tirar uma mecha de seu cabelo loiro da testa suada.

Sorriu para ele. Ele era lindo, demais. Ela era uma sortuda...

– Em você. – respondeu.

– Adoro permear seus pensamentos, Di. Você fica incrivelmente sexy quando está toda pensativa. – ele depositou beijos em seu pescoço, traçando uma trilha até seus lábios. Diana fechou os olhos para sentir o gosto dos lábios dele contra os seus. – O que você acha... – ele sussurrou, interrompendo o beijo. – De ir tomar um banho, assim nós podemos comer e depois

voltar para a cama?

Ela queria dizer que não mas estava faminta, além de que, tinha planos para ele também. Diana sorriu e olhou para a mesinha ao lado da cama, a taça de champanhe que ela tinha servido para ele ainda estava lá, esquentando. Ela admirou as bolhas da bebida brincarem com a taça e um sorriso mínimo emoldurou seus lábios. Virou-se para Joshua, encontrando-o já de pé, subindo a calça jeans por suas coxas grossas e definidas.

– Você não vai beber o champanhe que eu servi? Está ficando quente.

Joshua deu de ombros, um sorriso calmo em seu rosto. – Jogue fora, vamos beber vinho para o jantar.

Ele inclinou-se sobre a cama e depositou um beijo em sua cabeça, afastando-se em seguida.

– Não demora, querida, vou preparar o jantar para nós.

Diana o viu deixar o quarto e voltou a olhar para o champanhe. Novamente, um sorriso surgiu em seus lábios.

AQUILO NÃO PODIA ESTAR ACONTECENDO #02

Diana tomou um longo banho, permitindo-se tirar um cochilo enquanto sentia a água morna e com espuma da banheira envolver seu corpo em um abraço caloroso. Poderia ficar ali eternamente, mas tinha planos que precisava colocar em ação enquanto estavam sozinhos naquele chalé.

Ainda de olhos fechados, ela sorriu e levou uma mão até sua barriga plana. Joshua iria ficar tão surpreso com o que ela preparou para ele aquela noite. Aquela era a última noite antes de voltarem para a cidade e ela queria que fosse... *especial*. E seria, ela iria garantir isso.

Terminou o banho e secou-se sem pressa. Vestiu-se com um vestido solto verde-claro que lhe ia até quase os joelhos, queria estar confortável e bonita ao mesmo tempo, por isso, iria ignorar o frio e usar aquele vestido, como tinha planejado na semana anterior à viagem.

Olhou-se no espelho embaçado pelo vapor da água quente e passou a mão pelo vidro até que seu belo rosto estivesse visível. Apanhou uma escova de cabelos e iniciou o processo de desembaraçar, passando a escova por seus fios em um número exato de vezes até estar satisfeita com as ondas douradas. Complementou o visual com um batom cor-de-rosa suave nos lábios e um pouco de perfume nos pulsos e jugular. *Tudo tem que estar perfeito essa noite.*

Diana estava deixando o quarto quando ouviu um ruído vindo do lado de fora de sua janela. Caminhou até ela, erguendo o vidro e olhando para o exterior. A casa era rodeada por grandes árvores cobertas de folhas. Ela encarou a que ficava de frente para sua janela, tentando determinar a fonte do barulho, mas estava tão escuro que ela não podia enxergar nada além do contorno da árvore, sem nem ao menos ser capaz de identificar a forma dos galhos.

Ficou em silêncio, esperando escutar o ruído novamente, mas não escutou nada. *Deve ter sido um esquilo... ou uma coruja.* Ela gostava de corujas, eram aves silenciosas e noturnas, sempre observando do alto, imponentes e calculistas... Assim como ela.

– Amor, venha comer! – ouviu o grito de Joshua do andar de baixo do chalé e deixou a janela.

Seguiu pelo corredor em direção às escadas, pensando em como aquele chalé era maior do que sua casa de infância. No andar superior tinham dois quartos, um em cada extremo do corredor, com um banheiro em cada, e no centro do corredor estava a escada que levava ao andar inferior, onde tinha uma extensa sala de estar, uma sala de jantar, outro banheiro e a cozinha. Isso sem contar que ele era todo cercado por uma varanda de piso frio, sendo que nos fundos, uma porta levava a uma jacuzzi com vista para as árvores.

Tudo decorado em um estilo moderno, o que na opinião dela, tirava um pouco do ar de chalé das montanhas, mas que não deixava de ser lindo. Os pais de Joshua tinham-no adquirido há alguns anos e somente tinham ido lá uma vez ou outra nas férias antes de falecerem no ano anterior. Desde então, ele ficou vazio, pois Joshua não quis vender o imóvel. *Um desperdício.* Ainda bem que eles finalmente estavam utilizando-o, tal imóvel tão belo não deveria ficar fechado.

Diana encontrou Joshua na cozinha, em frente ao fogão, administrando as panelas com maestria. O aroma da comida a tinha encontrado ainda na metade das escadas e ela sentiu-se salivar, de repente com fome.

– Cheira maravilhosamente bem... – comentou, tentando olhar o conteúdo das panelas.
– O que é?

– Arroz, vegetais na manteiga e tem um cordeiro no forno... Sente-se e beba um vinho,

já está quase pronto. – ele tirou a atenção da comida apenas por um segundo para depositar um beijo estalado em seus lábios.

Ela afastou-se, sorrindo e foi sentar-se à mesa já pronta. A garrafa de vinho estava aberta, mas ela a ignorou, pegando uma jarra de água gelada em cima da mesa e servindo sua taça. Deu um gole rápido na água e olhou para as costas de seu marido. Tão alto e tão forte, parecendo extremamente sensível cozinhando para ela, e não mortalmente perigoso como um homem daquela estatura costumava parecer.

Joshua uniu-se a ela na mesa minutos depois e serviu a refeição mais linda e deliciosa que ela já tinha tido na vida. Diana não gostava muito de cozinhar, sabia apenas o necessário para sobreviver e somente o fazia para alimentar Joshua durante a semana. Aos finais de semana, ele sempre gostava de criar pratos novos para ambos.

Parecia se sair melhor do que ela nessa coisa de “vida de casados”.

– Você não tocou no vinho. – ele comentou entre uma garfada e outra.

Joshua tinha enchido sua taça ao sentar-se na mesa, mas ela não deu nem mesmo um gole na doce bebida. O vinho tinto estava intocado. Ela esperava que ele entendesse o motivo.

– Existe um motivo para isso... – ela começou a falar.

Sua fala foi interrompida pelo som de algo atingindo a janela da sala de estar. O som foi alto o bastante para fazê-la dar um salto na cadeira. Joshua franziu a testa e levantou-se.

– O que foi isso? – ela perguntou, começando a sentir um pouco de medo.

– Eu vou ver. Fique aqui... – Joshua caminhou pelo portal da sala de jantar, que era unificada à cozinha, seguindo para o outro cômodo.

– Josh, não... – ela ignorou sua ordem, o seguindo.

Parou no centro da sala de estar, ao lado do desnecessariamente grande sofá creme, ficando atrás de Joshua como se ele fosse um escudo humano. Ambos olhavam na direção da janela, as cortinas estavam fechadas, então não era possível enxergar nada do lado de fora.

Quando ela pensou em abrir a boca para perguntar o que ele pensava ter sido o barulho, um novo som alcançou seus tímpanos, dessa vez mais alto, quando a cortina voou e uma pedra caiu no centro da sala. Ela soltou um gritinho, tampando os ouvidos em um gesto instintivo, e olhou para os cacos do vidro da janela quebrada se espalhando pelo chão.

– Mas que porra! – Joshua gritou e a puxou para trás, afastando-a da janela. Ela quase tropeçou com o gesto, mas manteve-se firme.

Joshua caminhou até a pedra, levantando-a, quase não conseguindo segurar em uma única mão pelo tamanho. Quem teria jogado uma pedra em sua janela? Eles estavam em um chalé no meio do nada, a casa mais próxima ficava há mais de vinte minutos de viagem a carro e ninguém mais sabia que estavam lá.

Quando notou que o marido se aproximava da janela, ela quis gritar para ele parar, mas a voz não saiu. Joshua espionou o exterior e então soltou um palavrão baixo.

– O que houve? – ela perguntou, odiando como o medo estava claro em sua voz.

– Nada... – ele mentiu.

– Joshua, o que houve? – repetiu, falando com mais firmeza.

– É que... – ele balançou a cabeça, algo na postura dele a fez sentir medo, em sua voz, ele parecia descrente com o que dizia, ao mesmo tempo que alerta. – Tem alguém lá fora.

O quê? Ela franziu a testa, confusa. Pensou não ter escutado direito, então se aproximou de Joshua, afastando a cortina para ficar ao seu lado na janela. Olhou para fora e então viu.

Além da varanda. Na estrada de asfalto, abaixo da luz fraca do poste de energia.

Uma silhueta. Uma pessoa. Um homem.

Quem quer que fosse, estava vestido inteiramente de preto e ela não conseguia enxergar o rosto, mas podia jurar que parecia que ele usava uma máscara. *Isso só pode ser brincadeira!* Apesar do pensamento, ela sentia o coração bater desenfreado, com a mescla de medo e adrenalina.

– Quem é? – a pergunta estúpida deixou seus lábios antes que pudesse impedir. Joshua não poderia saber quem era.

– Eu não sei. –ele respondeu em um sussurro.

Permaneceram encarando a figura imóvel abaixo da luz do poste, até que ela o viu colocar a mão atrás de si. Diana pensou em gritar, mas parou, observando quando o homem retirou um facão e permaneceu imóvel com ele em mãos.

– Merda. – a voz de Joshua parecia distante para ela.

Aquilo não podia ser real. Sua mente estava em branco enquanto tentava entender quem seria aquela pessoa e o que ela estaria fazendo ali.

Foi então que um som alto de vidro quebrando vindo dos fundos da casa a fez girar para encarar a porta de vidro no extremo oposto da sala. Sentiu o braço de Joshua envolver sua cintura, puxando-a para mais perto. Eles se moveram em passos lentos até que a visão da varanda traseira ficasse clara para eles, sem obstrução da parede da sala de estar.

Diana prendeu a respiração ao ver outra figura masculina de pé dentro da varanda. A única coisa que o separava da porta de vidro era a jacuzzi no meio do caminho. Era outro homem, igualmente vestido de preto, mas esse ela pôde ver o rosto coberto por uma máscara de Halloween de um lobo cinza. Assim como o outro homem, esse tinha um facão na mão.

Ela quis gritar, mas estava imóvel em choque, com sua mente frenética enquanto pensava que aquilo não podia estar acontecendo.

TUDO ESTAVA ARRUINADO #03

O som de outra pedra atingindo a janela da sala de estar os fez perder a atenção da varanda dos fundos, quando os dois se viraram com o susto. Joshua correu para a janela e fechou-a, passando o trinco. Ela duvidava seriamente que a frágil madeira da janela fosse impedir em algo o intruso. Ainda assim, ela correu para a outra janela da sala de estar, essa ainda intacta, e travou-a igualmente.

Quanto aos fundos... *bem, aí vai ser mais complicado*. Joshua deve ter pensado o mesmo, pois ele passou a mão pelo cabelo, parecendo exasperado, enquanto xingava.

– Porra! Merda! O que está acontecendo? – ele gritava.

Diana arriscou alguns passos para a direção da porta dos fundos, mas não viu ninguém lá. O homem havia ido, mas ela duvidava que ele tivesse simplesmente partido. O grande problema era que a porta dos fundos, além de ser de correr, o que a tornava maior, era também inteiramente de vidro. E como a pedra atirada contra ela tinha mostrado perfeitamente, o vidro não era resistente.

– O que faremos? – ela falou baixo, sentindo-se mais calma do que deveria. Era como se a realidade da situação em que se encontravam ainda não a tivesse atingido.

– O telefone! – ele quase gritou ao ter a ideia.

Joshua correu até o telefone que ficava em uma mesinha da sala de estar e o tirou do gancho, discando em toques agressivos. Diana levou a mão até a boca, pegando uma das unhas bem feitas para roer de nervosismo. Ela observou quando o rosto de Joshua se iluminou ao ser atendido.

– Alô? – ele gritou. – Meu nome é Joshua e eu estou com minha esposa em um chalé e tem dois homens estranhos fora da casa, eles estão armados... – ele finalmente tomou fôlego. – Nosso endereço é...

Suas palavras se perderam quando todas as luzes do chalé se apagaram. Diana olhou para o teto, para a lâmpada apagada, mal enxergando um palmo a sua frente.

– Não! Merda! – Joshua gritou e atirou o telefone contra a parede. – Os celulares!

Sem dizer outra palavra ele puxou-a pela mão para as escadas, fazendo-a subir pulando a cada dois degraus, quase derrubando-a. Diana queria gritar para ele parar, que o mais sensato era que alguém ficasse vigiando da sala, mas ela não teve chance.

– O que está acontecendo, Josh? – perguntou, a nebulosidade de sua mente a deixava frustrada. Era como observar aquela cena de longe, sem compreender que estava acontecendo com ela. – Eles... eles vão nos matar? Quem são aqueles homens?

Eles pararam dentro do quarto e Diana olhou para a cama desfeita e a taça de champanhe em cima da mesa, agora o ar estava frio e todo aquele cenário que antes remetia a sexo, agora remetia apenas a medo.

– Estou sem sinal. – Joshua atirou o celular em cima da cama e moveu-se para ela. – Onde está o seu celular?

– Na minha bolsa... – sussurrou.

– E onde está a bolsa?

– Na sala.

Estremeceu quando Joshua xingou e se afastou alguns passos dela. Ele levou as mãos ao rosto, erguendo a cabeça para cima e fechou os olhos, buscando se acalmar. Ela sabia que

aquela situação era fora do normal e entendia a reação irritada dele, mas ainda assim, sentiu algo queimar dentro dela enquanto seus olhos ficavam úmidos.

– Sinto muito. – sussurrou.

– Não é sua culpa... Eu... – Joshua suspirou e virou-se para ela. Era assustador como ele parecia apavorado naquele momento. Diana sempre pensou em seu marido como um homem inabalável, e enquanto ela era toda assustada e nervosa, ele era a calma em pessoa.

Mas essa calma estava se esvaindo.

– Eu não sei quem são ou o que querem, Di. – ele avançou os passos até ela, colocando as mãos em seu ombro em um aperto firme. – Mas saiba que eu não vou deixar com que nada de ruim aconteça a você. Não importa o que eu tenha que fazer para isso.

A promessa em suas palavras era verdadeira, ela podia sentir isso, e observar o modo como aqueles olhos castanhos olhavam profundamente nos dela a fez se arrepiar. Joshua estava disposto a morrer por ela se assim fosse preciso.

– Nós temos que sair daqui... O carro está lá fora, talvez... – ela encolheu os ombros, ainda sentindo as mãos dele contra sua pele fria. –...nós possamos fugir.

– Eu pensei nisso, mas eles são dois e estão lá fora. Não sei se podemos chegar até o carro e escapar antes que nos peguem. – Joshua puxou-a para seus braços e ela fechou os olhos, afundando o rosto em seu peito. – Eu vou descer para pegar sua bolsa, você estará mais segura aqui... Tranque a porta e só abra quando eu voltar.

– Josh, não...

– Me escute, Diana! – ele a apertou em seus braços para prender sua atenção. – Essa é uma região de caça, meu pai deve ter alguma arma no outro quarto. Eu irei procurar. Fique segura.

Ela apertou-se a ele, envolvendo-o com seus braços, não querendo soltá-lo. Ficou assim por pouco mais de um minuto e então o deixou ir. Antes que Joshua pudesse sair pela porta, ela o puxou para um beijo, deixou suas mãos segurarem o rosto dele e estremeceu ao sentir a língua dele contra a sua.

– Eu te amo. – sussurrou contra os lábios dele.

– Eu também te amo.

Ela o soltou e Joshua hesitou por um momento antes de sair do quarto e fechar a porta.

Diana correu até a porta e a trancou, testando a maçaneta para certificar-se de que estava trancada. Ela recuou alguns passos, os olhos fixos na porta branca, deixando o silêncio mortal cair no quarto, querendo escutar qualquer ruído em seu exterior que indicasse onde Joshua estava e como ele estava.

Ela queria gritar... de medo, de raiva, de frustração. Ela tinha seus planos para aquela noite, que deveria ter sido perfeita e agora, por causa de dois malucos que queriam brincar com eles – ou pior –, tudo estava arruinado.

TUDO ESCURECEU #04

Os minutos se arrastaram como horas, Diana ainda estava imóvel, abraçando a si mesma e encarando a porta como se a qualquer momento esta fosse atacá-la, a escuridão não a ajudava a enxergar nada, apenas servia para deixá-la ainda mais assustada. Ouviu um som e então a maçaneta se moveu. Ela pensou em gritar, mas apenas apertou os lábios fechados e se aproximou com cuidado da porta, evitando fazer qualquer som.

Quando chegou bem perto, encostou a bochecha na madeira gelada. – Joshua? – sua voz não era mais do que um sussurro baixo. Tudo permaneceu em silêncio, até que uma mão bateu na porta, fazendo-a saltar.

– Di, sou eu, abra a porta. Está tudo bem.

Ela hesitou antes de girar a chave para destrancar a porta, assim que o “clique” da tranca saindo soou em seus ouvidos a porta foi aberta e Joshua entrou, fechando e trancando a porta atrás dele. Não pôde deixar de notar a grande espingarda que ele tinha pendurada em seu ombro.

– Eu não os vi em nenhum lugar, acho que podem ter se cansado e ido. – ele ergueu a mão, revelando a bolsa. – Vamos usar o seu celular para chamar a polícia.

Joshua procurou pela bolsa até retirar o celular, atirou a bolsa no chão e ligou o aparelho. A luminosidade do celular quase os cegou, ela observou em silêncio enquanto ele discava o número da emergência. Diana voltou para a escuridão quando ele encostou o celular no ouvido para ouvir a ligação.

Ela virou-se para a janela fechada e franziu a testa. *Aquilo foi algo se movendo?* Ela só

poderia estar louca, não tinha como algo estar se movendo no meio da noite, no frio, em cima de uma árvore. Ainda assim, ela avançou os passos para perto da janela, tentando distinguir algo na figura da árvore em meio à escuridão.

Parou a poucos centímetros da janela e seu ouvido esquerdo zuniu quando algo passou rápido e bem próximo dele. Gritou e só então sentiu algo queimar sua bochecha esquerda e um líquido quente escorrer por ela até seu pescoço. Levou a mão até a bochecha, gemendo ao sentir a dor. No mesmo instante as luzes se acenderam.

Diana gritou quando tudo se iluminou e ela pôde ver perfeitamente um dos homens com máscara de lobo em cima de um galho mais grosso na árvore. Em suas mãos, uma besta mirada direto para ela.

Antes que pudesse reagir, sentiu o corpo de Joshua pressionar contra o seu, levando ambos ao chão, bem a tempo de evitar uma segunda flecha que fincou com força contra a parede ao lado da porta, bem próxima de onde a primeira atingiu.

Ela gritou, de repente tudo chegando a ela com força. A realidade finalmente bateu e ela percebeu que quase teve uma flecha cravada em seu crânio por um lunático pendurado em uma árvore em seu jardim.

– Fique abaixada! – Joshua gritou. Toda aquela luz do quarto – do chalé inteiro – agora parecia algo muito ruim, uma vez que os deixava bem visível para seus algozes. – Você está bem?

– Eu... – ela sentiu o corpo todo trêmulo, tinha uma bola em sua garganta e só queria chorar.

– Diana, você está bem? – Ele a virou de costas no chão para poder olhar em seu rosto. Não se levantou, permaneceu deitado, apoiando-se apenas pelos antebraços, com um olhar

arregalado e preocupado nela. – Sua bochecha está sangrando, você está bem?

– Sim... – ela forçou-se a responder.

Joshua apanhou a arma que tinha caído próximo a eles e a engatilhou. *O que você está fazendo?* Ela não estava certa se tinha dito as palavras em voz alta ou apenas pensado nelas, de qualquer forma, Joshua se levantou lentamente, com a arma apontada para a janela.

– Ele não está mais lá! – disse ao ficar de pé. Diana se levantou para ficar ao lado dele. –Precisamos sair daqui, agora!

– Eles devem estar lá embaixo! Como vamos sair? – ela olhou para sua mão coberta de sangue, sua bochecha ardia e ela ainda estava tremendo pela ideia de quase ter tido uma flecha em sua cabeça. Mas era melhor arriscar sair do que ficar ali como alvos fáceis.

– Temos que tentar. – ela concordou com ele em silêncio.

Joshua seguiu na frente, com ela em seu encalço, para fora do quarto e então pelo corredor. Pararam pouco antes da escada, com ele mirando a arma no vazio. Ela esperava que ele pudesse ser mais rápido do que a flecha da besta ao atirar.

– Cuidado. – ela sussurrou, sua mão agarrando a barra da camisa dele como se fosse a única coisa prendendo-a a essa realidade.

Ele virou-se para a escada e Diana esperou que algo fosse disparado, mas nada aconteceu. Ela soltou o ar que estava prendendo e o seguiu pelos degraus. Pararam ao alcançar o portal da sala de estar. À esquerda estava a sala de jantar que levava à cozinha, e bem em frente estava a porta que poderia leva-los à segurança.

E tão de repente ela estava ansiosa para correr para a porta e tentar fugir, quase não controlando os próprios passos quando Joshua continuou a avançar em passos curtos e lentos. Ela queria apenas correr. *Corra, corra agora.*

– Eu acho que... – a voz de Joshua foi cortada quando um dos homens surgiu a sua direita, de dentro da sala e avançou contra ele.

No choque dos corpos, Diana foi jogada para o lado e caiu de encontro ao chão. Olhou para Joshua, que estava em luta corporal contra o homem com máscara de lobo. Tinha a espingarda na mão, mas não conseguia disparar uma vez que o homem também tinha suas mãos nela, os dois lutavam pelo controle da arma.

– Diana, corra para o carro! – ele gritou sem virar-se para ela. – Agora! Corra! Fuja daqui e procure ajuda!

Diana levou um segundo para entender as palavras e então ficou de pé, quase tropeçando ao dar o primeiro passo. Correu para a porta e a abriu, já disparando varanda a fora em direção ao carro que estava estacionado no começo da estrada a alguns metros de onde ela estava.

Chegue ao carro. A chave reserva está no porta-luvas. Ligue o carro. Dirija até encontrar ajuda. Repetiu a lista de coisas em sua mente inúmeras vezes para ignorar a queimação de seus músculos desacostumados a correr.

Estava quase chegando ao carro e sentiu um sorriso aliviado repuxar em seu rosto. Então algo a atingiu com força e ela caiu no chão.

Diana gritou quando ergueu o olhar e viu o segundo homem em cima dela. Àquela pequena distância, a máscara de lobo era ainda mais assustadora, com o focinho projetado para frente e as presas expostas cobertas com sangue. Diana gritou novamente, mas foi calada com o golpe de um punho fechado contra seu rosto. Tudo escureceu.

E ELA ESTAVA ADORANDO #05

Os gritos agonizantes de dor a despertaram.

Diana precisou de alguns minutos para se lembrar de onde estava e o que tinha acontecido, mas quando tudo chegou a ela, sentiu-se enjoada. A mescla de medo e raiva estava fazendo algo de estranho com seu estômago.

Novamente os gritos ecoaram em sua mente e ela ergueu a cabeça, sentindo uma leve tontura e o latejar constante do golpe que recebeu. Percebeu então que estava no centro da sala de estar, sentada em uma das cadeiras da mesa de jantar, com os braços e tornozelos presos à cadeira. Tentou soltar-se, jogando o corpo para trás e sentiu sua cabeça chocar-se contra a cabeça de alguém. Virou o rosto o quanto pôde e viu que Joshua estava de costas para ela, na mesma situação.

Em frente a ele, um dos homens brincava com uma faca, balançando-a para ele, debochando do sangue revestido na lâmina; enquanto isso, o outro homem estava sentado no encosto do sofá, apenas olhando, com a espingarda de Joshua em mãos.

Merda! Ela realmente pensou que conseguiria fugir e que Joshua seria capaz de salvá-la, mas estava enganada. Aquilo tudo era uma bagunça desmedida e ela queria gritar de frustração por estar metida naquilo. Tinha tudo planejado para aquela noite... Como tudo pôde dar tão malditamente errado?

– Parece que a nossa donzela em perigo acabou de despertar! – a voz debochada veio daquele sentado no sofá. Ele tinha um joelho flexionado em cima do estofado com a espingarda apoiada nele, segurando-a com uma mão apenas. Sua voz era grossa, mas estava

abafada pela horrível máscara de lobo.

– Podemos brincar com você agora... – ela voltou o olhar para o homem com a faca na mão, que agora dava a volta em Joshua para chegar até ela. Diana ouviu os gemidos de protesto de seu marido, tentando salvá-la, mas ele não poderia fazer nada atado à uma cadeira e ferido, como ela suspeitava que ele estava.

– Quem são vocês? – Diana perguntou com a voz baixa, não querendo dar motivos para eles ferirem-na.

– Somos... – o da faca deu um olhar breve para o parceiro e voltou seu focinho coberto de sangue para ela. – *predadores...* e vocês, são as nossas presas.

– Presas bem fáceis, por sinal.

O quê? Diana queria revirar os olhos, mas o medo a deixava mais sã do que isso. O que eles estariam querendo dizer com aquilo? Predadores e presas? Eles estavam caçando? Caçando a eles?

Aquilo não podia ser verdade.

– Vocês são loucos? – gritou, de repente a raiva sobrepondo o medo. Pensou que fosse receber outro golpe, talvez uma facada, mas quando eles ficaram em silêncio, ela continuou. – Por que estão fazendo isso, diabos?

Os dois homens riram em uníssono e ela tentou identificar a idade deles pelo tom da voz, mas não conseguiu. O da espingarda fez um breve aceno de cabeça para o parceiro e então esse, balançando a faca a poucos centímetros do rosto dela, respondeu sua pergunta.

– Porque nós podemos.

Diana quis chorar, já tinha assistido à filmes onde esse tipo de coisa acontecia – essa tal

“caça” ou “assassinato por esporte”, “diversão” – mas nunca pensou que poderia acontecer na vida real. Na vida *dela*.

Ouviu Joshua chorando atrás dela e odiou a fraqueza de seu marido, querendo ainda mais se soltar daquela cadeira para ir até ele. Queria ser forte o bastante para derrubar os homens, queria poder resolver aquilo, mas sabia que não podia. Não tinha força. Não tinha arma.

Aquele com a espingarda se levantou e começou a passear pela sala. – Eles são fodidamente chatos, cara. – continuou andando, seguindo para o andar de cima.

Diana focou sua atenção ao homem a sua frente, ele parecia olhá-la fixamente, mas tudo o que ela podia ver era a íris negra dos olhos dele, sombria e profunda.

– Por favor... – tentou implorar, mas assim que as palavras saíram por seus lábios o homem rosnou e cravou a faca que tinha em mãos em sua coxa direita.

O grito que ela soltou fez arder sua garganta e ouvidos, mas essa dor não chegava nem perto da dor que sentia na coxa ferida. Abaixou o olhar, ainda gritando, e observou a faca cravada até o cabo em sua carne, por cima do vestido claro, que agora manchava de sangue.

– Odeio vadias que imploram cedo demais. – ele comentou.

– Diana! Diana! – os gritos de Joshua eram baixos comparados com os dela.

– Ok, ok! – o homem ergueu os braços em rendição e voltou para Joshua. –Vou deixar você ver sua mulher sangrando até a morte enquanto eu tiro as entranhas dela.

Ela ouviu o barulho de algo sendo arrastado, mas não conseguia tirar o olhar da faca em sua coxa e do sangue escorrendo, sabia que se ele tivesse acertado o lugar certo, ela realmente iria sangrar até a morte apenas com aquele corte. Finalmente ela ergueu o rosto para ver o homem posicionar a cadeira de Joshua a sua frente.

Ela perdeu o ar ao ver o estado de seu marido. Além do olho roxo e dos hematomas pela maçã-do-rostto e queixo, ambos os braços continham diversos cortes por toda a carne e uma grande mancha de sangue despontava em seu abdome.

– Veja, nós já tínhamos começado a brincar com ele enquanto você dormia.

– Nos deixe em paz... – ela sussurrou, sentindo a dor tirar suas forças.

– Ainda não... – ele riu. – Se você ainda estiver viva daqui há... – ele balançou a cabeça, fingindo estar contando. – Duas horas. Eu deixo vocês irem. Mas antes disso...

Diana se retraiu na cadeira quando o homem se aproximou e, sem nenhuma cerimônia, puxou a faca em sua coxa de uma única vez, fazendo-a gritar, então girou para ir até suas costas. Quando ele terminou de cortar as restrições, empurrou-a. Diana não tinha forças suficientes para ficar de pé, então caiu de lado no chão.

– Vamos lá, levante-se agora!

Ela lutou contra a dor, *você precisa ser forte, precisa sobreviver*. Primeiro apoiou seu joelho esquerdo no chão e então tentou se erguer, usando a cadeira de apoio. Ao ficar de pé, tentando não depositar peso na perna machucada, sentiu uma pontada que a fez chorar de dor.

– Agora... você vai pegar essa faca e, sem gracinhas, vai fazer o que eu mandar. Só assim eu me impeço de já te estripar agora.

Seu olhar estava na máscara do homem, sentindo que caso ela fosse capaz de sobreviver, ficaria com aquela imagem na cabeça para o resto da vida. “*Caso fosse capaz*” o cacete! Gritou em sua mente, *você tem que sobreviver! Você não fez tudo isso para chegar onde chegou e morrer nas mãos de um desconhecido sádico!*

– ... Por isso você vai pegar a faca e fazer um corte em seu marido. – ela tentou se concentrar no que o homem falava. – Assim... – ele ergueu a faca e passou a lâmina contra sua

pele, partindo-a. Diana gritou quando a queimação do corte a atingiu, vendo o sangue vermelho escorrer por seu braço direito. – Entendeu?

Ele queria que ela cortasse o próprio marido? Ela quase riu, ele só podia ser louco mesmo.

O homem com máscara de lobo colocou a faca em sua mão e ela ficou tentada a enfiar a lâmina bem na garganta dele, mas se impediu, pois ainda tinha o segundo homem em algum lugar do andar de cima. Ela apertou o cabo ensanguentado da faca e virou-se para Joshua, sua cabeça pendia um pouco para frente e ela quase não conseguiu encarar seus olhos castanhos por detrás do inchado e roxo.

– Está tudo bem, querida... – ele sussurrou. – Faça o que ele mandou... apenas faça.

Diana respirou fundo algumas vezes, o líquido quente escorrendo da faca deixando tudo mais real diante dela. Ela não queria morrer. Ela tinha lutado com unhas e dentes para ter uma vida boa, ela tinha *lutado, planejado* tudo, inclusive aquela noite, que deveria ser perfeita, e ela não poderia apenas desistir...

Enquanto os pensamentos permeavam sua mente, o som de passos chamou sua atenção e ela virou-se para o segundo homem no andar de cima. Ele descia as escadas com a espingarda pendurada em seu ombro, a garrafa de champanhe em uma mão e a taça que ela tinha enchido outrora na outra. Parte da máscara estava erguida e ela pôde ver a barba rente e os dentes brancos na boca sorridente.

– Olhe só... – ele anunciou enquanto terminava de descer os degraus. Diana o observou parar em frente ao sofá, próximo a eles. – O casalzinho estava comemorando...

Diana fixou seu olhar no segundo homem. Viu-o erguer a taça de champanhe e sorver o líquido até o seu final. Os lábios dele se retorceram em uma breve careta. Os dela se

retorceram em um sorriso.

Sabia que seu olhar deveria estar brilhando naquele momento. Ela não iria desistir, *oh não*, ela iria fazer como sempre fez. Iria lutar e acabar com aquilo.

Em um golpe rápido, Diana girou o corpo, erguendo o braço e atacou com a faca naquele que estava próximo a ela. Não viu onde a faca o atingiu, mas ouviu o guincho de dor do homem enquanto ele se afastava dela, cobrindo a ferida. Puxou a faca de volta e correu para Joshua. Em poucos segundo, as coisas pareceram mover-se em câmera lenta e ela estava adorando.

ELES PRECISAM MORRER #06

Diana sentiu a adrenalina mover seu corpo e mente tão rápidos que parecia que todo o resto estava em câmera lenta. Ela voltou-se para Joshua, vendo-o retorcer o rosto em uma careta surpresa; o homem ferido estava caindo para trás no chão, com a mão no ombro; enquanto aquele com a champanhe parecia em choque, parado olhando para o parceiro.

Ela caiu em frente à cadeira de Joshua e arrastou-se até alcançar suas mãos, usando a faca para cortar a corda que as prendia, entregou então a faca para o marido e voltou a se levantar. O homem com a champanhe tinha derrubado a espingarda, a taça e a garrafa – que se espatifou pelo chão – enquanto corria para socorrer o parceiro.

Sua chance estava lá. Diana tentou correr para a arma, mas sua coxa ferida dificultava a locomoção. Estava próxima o bastante quando ouviu o grito de um dos homens “pega ela!”, e tentou apressar o passo. Sentiu uma mão apertar contra seu braço ferido, disparando uma onda de dor por seu corpo, e então foi puxada para trás. Aquele que estava ferido alcançou a arma e ergueu-a para ela.

– Paradinha aí, vadia!

– Diana! – ouviu Joshua gritar de algum lugar por trás dela, sabia que ele estava de pé, imóvel, com medo de causar sua morte.

Diana ficou em silêncio, parada, com o olhar fixo no homem a sua frente, mas a atenção voltada totalmente para o homem atrás dela, a segurando. Sentiu-o apertar seu braço com mais força do que o necessário.

Cinco...

Ela sentiu as unhas dele cravarem em sua pele. A sua frente o outro homem ergueu a cabeça – Você está bem, cara?

Quatro...

Diana tomou uma longa respiração quando o aperto em seu braço afrouxou um pouco e a mão tornou-se trêmula. Ela moveu a perna ferida, querendo acostumar-se com a dor. – Cara?

Três...

O homem com a espingarda distraiu-se o bastante para abaixar a mira da arma, antes no meio da testa dela, para seu estômago. – Mas que merda...?

Dois...

Um...

Diana jogou-se para frente no exato momento em que a mão segurando seu braço a soltou e o homem grande caiu no chão em um baque alto, convulsionando e sufocando por debaixo da máscara de lobo.

Queria tentar pegar a arma, mas a mão de Joshua puxando-a para longe da dupla a impediu. Virou para trás enquanto deixava seu marido arrastá-la escadaria acima, olhando o momento em que àquele que estava ferido largou a arma no chão e ajoelhou em frente ao parceiro. Ele estava para tirar a máscara do outro quando Joshua a puxou pelo corredor do andar superior, correndo para um dos quartos e batendo a porta atrás deles.

Ela o viu trancar a porta e afastar-se, puxando-a com ele. Diana quis dizer algo, mas assim que ele envolveu os braços por sua cintura, puxou-a para um beijo ardente, cheio de medo e paixão.

Os lábios de Joshua estavam cortados, então ela sentiu o gosto do sangue dele em sua

língua. Levou as mãos para o cabelo dele, afundando os dedos nos fios sedosos e puxou, ouvindo-o gemer. Afastou-se lentamente, quebrando o contato dos lábios, mas Joshua afundou em seu pescoço, beijando e chupando a pele lá.

– Você está bem... – ele sussurrou enquanto depositava beijos em sua pele quente. Diana fechou os olhos e deixou-se absorver pelo contato desesperado do marido. Queria senti-la para garantir que ela estava bem. –Você está bem... – Joshua abaixou as mãos de sua cintura para sua bunda, apertando com força.

– Sim, estou bem... – ela finalmente afastou-se. Não podia se desconcentrar naquele momento. – E você?

– Sim... – ele recuou alguns passos, ofegante. – Apenas dolorido, mas nada sério. E sua perna?

Ela abanou a mão. – Vou ficar bem... Joshua, você tem a faca? Nós precisamos... precisamos fazer algo, sair daqui.

– Aqui. – ele retirou a faca do cós da calça. –Mas como iremos fazer? E, aliás, que merda aconteceu lá embaixo? Eu não entendi nada! Ele simplesmente caiu?

– Eu também não entendi... – ela deu de ombros. – Mas precisamos aproveitar. Eles estão vulneráveis.

Joshua concordou. Eles estavam no antigo escritório do pai de Joshua, e ela olhou em volta procurando por qualquer coisa que pudesse usar como arma. Ele parecia estar fazendo o mesmo.

Diana moveu a perna, sentindo uma pontada de dor, então se arrastou para a cadeira atrás da grande mesa de mogno, deixou seu corpo cair no estofado e olhou para o relógio pendurado na parede. *Duas horas...* Não sabia se dois lunáticos que matavam por prazer

tinham palavra, mas caso tivessem, ela precisava apenas sobreviver pouco mais de uma hora.

Droga! Ela não podia ficar contando com a sorte por mais uma hora, precisava sair dali o quanto antes.

– Joshua... – ela sussurrou. Joshua parou de procurar no armário da sala e virou-se para ela. –Eu preciso te contar algo... Eu não planejava contar, mas... – ela encolheu os ombros. – Dane-se, querido.

– O quê? – ele caminhou até seu lado, parecendo preocupado e ela quis sorrir pelo modo afetuoso como ele a tratava.

– Eu estou grávida.

A primeira coisa que passou pelo rosto de Joshua foi o *choque*, mas no segundo seguinte seus olhos se iluminaram de felicidade e ele abriu um grande sorriso. Ela perdeu o ar quando ele a puxou da cadeira, abraçando-a com força.

– Meu Deus, querida! Eu... eu nem sei o que dizer... estou tão feliz... eu... – ele afastou-se apenas o suficiente para olhar em seu rosto. Seu semblante era sério, quase sombrio. – Eu vou fazer de tudo para manter você e nosso bebê seguros. Eu prometo.

Diana sorriu para o marido, seu coração se aquecendo um pouco ao ver a felicidade estampada em seu rosto. Ela sabia o que eles precisavam fazer para que ela e seu bebê ficassem seguros.

– Eles precisam morrer.

ASSIM COMO HAVIA PLANEJADO #07

Diana analisava o relógio, sempre desconfiando do silêncio no restante da casa. Eles não poderiam ter simplesmente desistido, não é? Joshua trabalhava em algumas coisas encontradas dentro do armário do escritório, tentando construir o que ela só poderia definir como bastão com objetos pontiagudos. Enquanto ele amarrava itens aleatórios com fita adesiva e parecia realmente planejar o local de cada objeto naquele bastão ridiculamente comprido, ela moveu-se até a pequena janela do escritório e espiou o exterior.

Não era possível enxergar nada da cidade ou das outras casas das redondezas. Mesmo sem a escuridão da noite escondendo os arredores, tudo que era possível enxergar durante o dia eram as árvores e a vegetação densa. Com sorte, ela poderia ver uma ou outra ave e animal silvestre de pequeno porte.

Quando Joshua propôs passarem o final de semana no chalé, ela achou que não poderia ter rumo melhor do que um lugar isolado no meio da floresta nas montanhas... agora, perguntava-se em que diabos estava pensando para se enfiar em local tão inóspito.

Caminhou para longe da janela, voltando à mesa e apanhou a faca deixada lá. Só de tocar no cabo do objeto ela já sentia a coxa doer. A adrenalina estava se dissipando e agora cada dor parecia ainda mais acentuada. *Eu só quero terminar essa noite...*

Perguntou-se como será que estava o seu algoz, aquele que deprimentemente convulsionou no chão da sala. Não se importava realmente, só queria ter certeza de que ele não estaria em seu caminho quando ela e Joshua fossem atacar.

– Querida... – Joshua sussurrou, ele evitava falar em voz alta com medo de revelar sua

localização, mas Diana pensava que se o maluco na máscara de lobo quisesse matá-los, ele já o teria. Com certeza ele sabia onde estavam “escondidos”. – Acho que agora podemos ir.

Joshua parecia um guerreiro com a roupa suja de sangue, o cabelo desgrenhado, o olho machucado e um bastão longo com várias pontas no topo. Não deveria ser a arma mais forte, mas iria ajudar em algo.

– Fique atrás de mim. Nós precisamos atacá-lo e pegar a arma... não podemos arriscar sair com ele ainda consciente. – ele levou a mão para a maçaneta, mas então parou, voltando a ela. – *Fique atrás de mim*, Diana! Não sabemos se o parceiro dele está bem ou não, então não vamos arriscar sua vida.

Ela tomou uma longa respiração, sentindo o medo voltar a tentar dominá-la enquanto Joshua abria a porta. Assim que pisou para fora do quarto, sentiu um forte cheiro de queimado. Ambos moveram o olhar em direção às escadas, de onde uma densa camada de fumaça negra começava a esgueirar-se para o corredor.

Os alarmes de incêndio começaram a tocar no segundo seguinte. *Isso é bom!* Os alarmes iriam alertar o corpo de bombeiros e então tudo aquilo terminaria. Ouviu Joshua gritar algo, mas não conseguiu escutá-lo, apenas o seguiu escadaria abaixo enquanto corria.

– Joshua... – chamou, mas ele estava muito a frente e a fumaça a impedia de enxergar dois palmos a sua frente. – Droga!

Quase tropeçou em um dos degraus, mas finalmente alcançou o andar inferior. Lá a fumaça estava ainda mais forte e a sensação de sua garganta secando e os olhos ardendo era torturante demais para ela aguentar muito mais.

– Joshua? – chamou. Caminhou em direção a porta, precisava abri-la e sair dali.

Seus pulmões pareciam queimar e a tosse seca a deixou com mais dor. *Saia de dentro*

da casa! Esticou os braços para tentar tocar algo, avançando em passos lentos com medo de tropeçar e prejudicar ainda mais sua perna. Perguntava-se onde Joshua tinha ido, mas não conseguiria ajudá-lo sem ao menos enxergar algo.

A casa poderia estar pegando fogo, mas ela não conseguia enxergar nenhum clarão característico, tudo o que via era a fumaça tornar-se ainda mais densa na direção do sofá.

Finalmente, conseguiu tocar a maçaneta da porta da frente e então a abriu, empurrando aberta e caindo com os joelhos e mãos na varanda. O ar puro que ela inspirou com tanta vontade logo se tornou encoberto pela fumaça que saía da casa. Ela tossiu, cuspiu e tentou controlar sua respiração, sentindo os olhos lacrimejarem e a garganta e nariz doerem. Tinha inspirado fumaça o suficiente para ser prejudicial ao bebê.

– Joshua? – tornou a gritar e tirou as mãos do chão, erguendo-se apenas pelos joelhos.

Olhou para a escuridão do quintal apenas a tempo de ver algo se movendo rapidamente em sua direção, no segundo seguinte seu corpo foi atirado para trás e ela gritou de dor.

Diana tentou se levantar, os olhos fixos em seu lado esquerdo, onde uma fina e longa flecha atravessava seu ombro. Continuou gritando e teria ficado ali se não fosse pela visão do homem na máscara de lobo se aproximando, armando a próxima flecha para atirar.

Lutando contra toda a dor e entorpecimento que começava a enevoar sua mente, ela ficou de pé e correu para o interior da casa. A fumaça já tinha diminuído consideravelmente e ela viu a porta dos fundos completamente aberta. Joshua correu para o interior da sala, vindo dos fundos, com um balde cheio de água e o jogou em cima de algo queimado no chão em frente ao sofá.

– Josh... – ela gritou de dor e segurou o braço esquerdo, para não movê-lo. – Ele está vindo!

Só então Joshua ergueu o olhar para ela, parecendo prestes a desmaiar ao vê-la com a flecha atravessando seu ombro. Ela voltou a gritar para ele, não tinha tempo para esperá-lo superar o choque de vê-la ferida, quanto mais tempo perdia, mais sangue ela perdia e mais fraca se sentia. Não seria nada útil morta.

Olhou para baixo em seus pés e viu o que tinha sido queimado. Era um corpo. *O parceiro*. Quis sorrir, mas a dor não permitiu. Pelo menos um deles estava morto com certeza, apesar de o restante estar vindo para eles com uma besta nas mãos e uma espingarda no ombro.

Ele deveria estar furioso, ela entendia, certamente as coisas não tinham saído como ele planejou, mas ela própria também tinha tido os planos interrompidos. Ele precisava aprender com a frustração e seguir em frente.

– Nós precisamos fazer algo... – falou para Joshua, querendo arrastá-lo para os fundos da casa, talvez pudessem fugir por lá.

– Precisamos pegar a arma dele...

– Dane-se a arma, Joshua! – gritou. – O maldito atirou uma flecha no meu braço, tentar chegar perto dele é loucura!

– Não, Diana. Não teremos chance com ele vivo.

Ela queria gritar de frustração e raiva, mas conteve-se. Joshua a puxou para a saída dos fundos e a posicionou na varanda de modo a ficar escondida sem poder ver o interior da sala. Ele segurou-lhe o rosto com as mãos e encostou a testa na dela.

– Esconda-se, fique segura... eu vou distraí-lo.

– Não, Joshua...

– Shh! Faça o que eu digo, eu vou distraí-lo e você foge daqui pela floresta. Fique

segura, meu amor, eu te amo.

Com um breve beijo de despedida, Joshua entrou na casa para enfrentar o perigo e salvá-la. Diana levou os dedos até os lábios, sentindo o beijo do marido, mas manteve-se parada, não conseguindo simplesmente fugir. Não iria fugir, não era do seu feitio.

Esperou em silêncio enquanto ouvia a discussão no interior da casa, ouviu o som da flecha atingindo alguma parede e então os passos de Joshua correndo para o andar superior, decerto tentando ganhar mais tempo para ela. Diana respirou fundo e então entrou na casa, pegaria o homem de surpresa.

O mais sensato era seguir as ordens de Joshua, ela sabia disso, mas nunca tinha sido lá muito sensata. Como sempre gostava de ressaltar, tinha sempre lutado para ter as coisas do seu jeito e aquele, definitivamente, não era o seu jeito, então ela precisava fazer algo.

Diana parou na cozinha e substituiu a faca que tinha com ela por uma maior, com lâmina de quinze centímetros. Pensou que teria que ser rápida para conseguir fazer algum estrago dessa vez, já que da última apenas atingiu o braço do homem. Agora iria mirar na garganta.

Avançou em silêncio até a sala, os sons de luta no andar de cima pareciam abafados. Virou-se para a escada, mas algo chamou-lhe a atenção. Diana sorriu e virou para a cadeira onde antes tinha estado presa. Em cima dessa, estava a espingarda.

Não acredito! Teria o homem na máscara de lobo deixado a arma para trás, querendo caçar Joshua apenas com uma besta? O motivo que fosse, aquilo era simplesmente perfeito. Diana pegou a arma e verificou a munição, estava carregada, em perfeito estado. Bastava ela mirar e atirar.

Nunca tinha disparado com uma arma antes, mas Joshua tinha mostrado como fazer

caso um dia ela precisasse se defender e ele não estivesse em casa. Tinham algumas armas guardadas em um cofre escondido na parede de casa.

Diana segurou a respiração e então ergueu o braço esquerdo para ajudar na sustentação da arma, engoliu o próprio grito ao sentir a flecha se mover em seu ombro. Com a arma em uma mira aceitável, ela começou a subir as escadas. Estava cansada daquele chalé, ao final de tudo, iria colocar fogo nele para derrubá-lo até o chão, nunca mais queria vê-lo novamente.

Parou no topo da escada e tentou escutar de onde vinham os barulhos, identificando ser do quarto principal. Aproximou-se lentamente, tentando ser o mais silenciosa possível até que estava na porta do quarto. Ao virar-se para a entrada, inspirou e olhou a cena por um segundo antes de disparar.

Joshua estava caído no chão, com a cabeça sangrando, seu bastão improvisado estava caído do outro lado do quarto, deixando-o desarmado. O homem estava de pé com a besta mirada para seu marido, pronto para disparar. Ela disparou primeiro.

Mas errou.

O disparo atingiu a janela a alguns metros de onde o homem estava, quebrando o vidro em centenas de pedaços. Diana xingou e viu o homem voltar-se para ela, então ela olhou aquela máscara assustadora, os pequenos olhos pretos, e apertou o gatilho.

O homem urrou de dor e caiu para trás, um grande buraco em seu estômago espalhando sangue para todos os lados. Joshua se levantou e pegou a besta dele, correndo para o lado de Diana.

Os dois observaram o homem estremecer algumas vezes e então parar de mover-se. O sangue já formava uma poça escura em torno dele e o buraco em seu estômago deixava claro que ele estava morto.

Ele estava morto...

Joshua pegou-a pela mão direita e a puxou para longe do quarto. Diana se deixou ser guiada, a arma ainda em sua mão esquerda, os olhos vidrados e a mente vazia. Quando chegou nas escadas, seus joelhos cederam e ela sentou-se no degrau, sentindo as lágrimas quentes caírem por suas bochechas.

– Terminou, querida... – Joshua ajoelhou a sua frente e segurou seu rosto com carinho.
– Eles estão mortos, os bombeiros estão vindo... terminou...

Não... Sua mente repetia, ela queria ficar de pé e sair do chalé, mas não conseguia mover as pernas, o cansaço e o medo controlando-a. *Não acabou... não acabou... não acabou...*

– Eu vou pegar uma água para você. – Joshua a beijou na testa e então desceu as escadas, sumindo na cozinha.

Diana respirou fundo e ajeitou a arma em ambas as mãos, apontando-a para frente. Estava cansada, com dor e enjoada, queria apenas poder descansar e terminar com tudo aquilo, assim como havia planejado.

PORQUE EU POSSO #08

Não acabou...não acabou... não acabou...

Ela tinha planejado tudo por meses e seria tão mais rápido e tão mais limpo do que aquilo. Era meio da madrugada e ela estava cansada, suja, sangrando, com dor, fome e enjoo. Nada como tinha planejado terminar aquela noite.

Diana tinha aceitado viajar para comemorar o aniversário de casamento justamente pensando naquela noite especial. Em como ela queria olhar nos olhos de Joshua... Sorrir para ele e apenas observá-lo... *sufocar*.

– Querida, eu trouxe um pouco de água... –suas palavras foram cortadas quando ele olhou para ela. Diana tinha o olhar fixo em seu rosto e a arma, no local onde ele tinha parado, mirava em seu peito. – Diana...

Ela esboçou um sorriso, observando-o. Tantos meses de planejamento, uma taça de champanhe envenenado, dois lunáticos mortos, e finalmente iria acontecer *do jeito dela...*

“Por quê?”, ele perguntou, parecendo confuso.

O entendimento pareceu clarear seu olhar e então Diana puxou o gatilho. O corpo de Joshua foi atirado para trás pelos degraus, o copo caindo com ele. Ele atingiu o chão em um baque alto e ficou lá, parado. Morto.

Diana levantou-se, secando a única lágrima que escorreu por seu rosto, e mancou até o quarto principal. Ela olhou para o corpo do homem na máscara de lobo e encostou-se na parede oposta a onde ele estava, deixando seu corpo deslizar até o chão. Manteve a arma ao

seu lado, tocando-a com a mão direita e então abaixou a cabeça e fechou os olhos.

Não muito tempo depois, ela ouviu o som das sirenes.

(...)

“Pobrezinha, você viu que tragédia? Ela foi a única a sobreviver”.

“Eles estavam comemorando o aniversário de casamento...”.

“Mais alguns minutos e ela teria sangrado até a morte”.

“Que sorte que o bebê esteja bem... é uma benção.”.

“Essa mulher, tão jovem, e já uma sobrevivente... uma guerreira!”.

Diana abriu os olhos e encarou o cenário branco a volta dela. A cama do hospital não era tão confortável, mas quebrava um galho. Ela encarou o teto e então sorriu. Joshua estava morto, sua família estava morta, somente restava ela e seu filho. Herdeiros. Livres.

Ela estava livre e tinha, novamente, conseguido o que queria. Precisou lutar mais do que o normal para conseguir, mas finalmente conseguiu. Seu sorriso se ampliou, agora ela só precisava seguir em frente e continuar sobrevivendo.

(...)

Três anos se passaram como um borrão. Uma pequena menina de grandes olhos castanhos e longo cabelo loiro corria de um lado para o outro no pátio da prestigiada escola elitista de Nova York. Ela perseguia incansavelmente um amiguinho da mesma idade, gritando com sua voz infantil que iria pegá-lo.

Sua mãe apenas sorriu admirando a cena, quase não notando a aproximação do elegante homem de terno ao seu lado. *Quase.*

Sabia que o homem tinha passado os últimos vinte minutos observando mais a ela do

que ao próprio filho. Olhava fascinado, talvez para seu cabelo curto loiro? Os olhos azuis profundos? O sorriso angelical? Ela achava que podia ser todas essas coisas juntas.

De qualquer forma, o homem ocupou a cadeira ao seu lado na mesa. Estava de terno, arrumado demais para um evento de escola, mas demonstrando seu grande poder aquisitivo. Era pouco mais velho do que ela, com cabelos curtos negros e olhos verdes, um belo porte físico e alto. Atraente.

– Parece que as nossas crianças estão se dando bem... – ele comentou com um sorriso. Deixou o copo de bebida que tinha em mãos na mesa e estendeu a mão para ela. – Carter Mills.

Ela sorriu e aceitou o aperto.

– Emma Hemington. Prazer.

Ampliou o sorriso quando o homem desatou uma conversa aleatória com ela, tentando aproximar seu corpo ainda mais do dela, esboçando interesse. Ela mordeu o lábio inferior. Em sua mente, a pequena pergunta ainda ecoava... “Por quê?”... E ela tinha uma resposta, aprendida naquela noite há três anos.

Por quê?

Bom... porque eu posso.